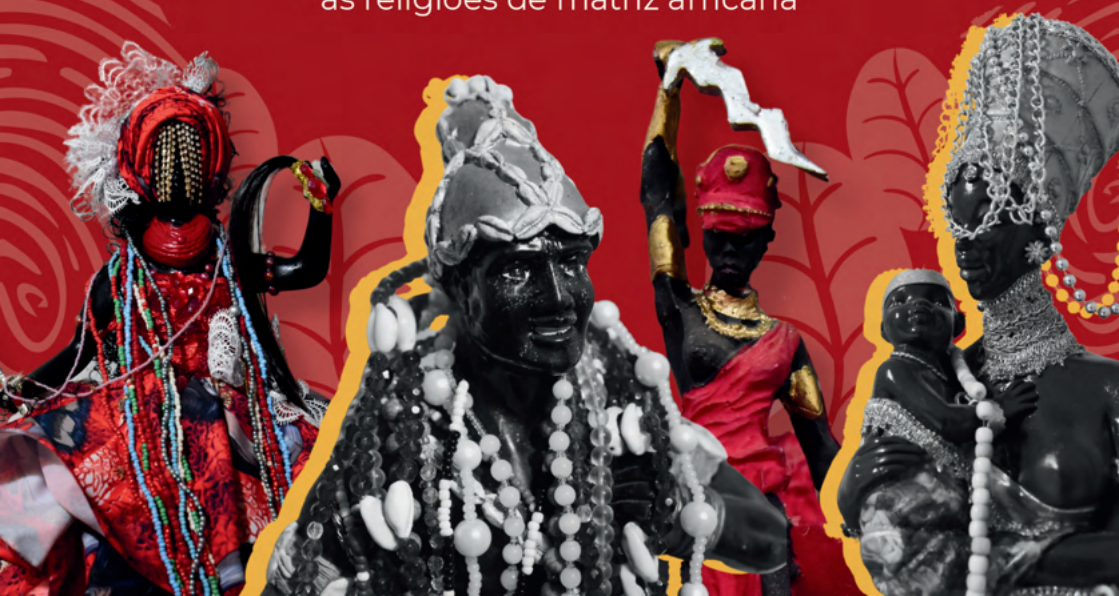


ME MO RIA

ORGULHO E IDENTIDADE

Glossário de palavras para
conhecer, aprender e respeitar
as religiões de matriz africana



EXPEDIENTE

Proponente:

Nícolas da Silva

Pesquisa:

Abner Henrique Lopes dos Santos
Marina Julia Pergher

Revisão: Ramon Hendges**Organização e Planejamento:**

Anthony B. Baruffi Buqui
Patrícia Gueller Vivian

Fotografias:

Diogo Zanatta

Comunicação e Assessoria de Imprensa:

Anthony B. Baruffi Buqui
Ellen Taina Silveira
Nícolas da Silva

Projeto Gráfico e**Diagramação:**

Alexsandra Ehlert Prochnow

Apoio: Skopo Media;

Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

Financiamento:

Pró-Cultura RS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Realização:

Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura – PNAB, por meio do Ministério da Cultura, Governo Federal



Pintura representando

Exú pela artista Xuia

Foto: Diogo Zanatta



ÍNDICE

Prefácio	4
Introdução	5
Diagrama	8
Glossário	9
Referências	23





PREFÁCIO



espiritualidade se manifesta de **formas diversas**, mas sempre com um foco comum: **a conexão com o sagrado**, a rememoração aos ancestrais, e o respeito com a expressão de divindade. A riqueza de suas crenças, práticas e rituais é inegável, mas infelizmente, muitas vezes as religiões de matriz africana são mal compreendidas, estigmatizadas ou distorcidas pela sociedade. **O presente material tem como objetivo desmistificar ideias equivocadas e estereótipos** que cercam as religiões de matriz africana e proporcionar aos leitores um **espaço de aprendizado**.

Neste livreto, apresentamos um glossário com os principais termos e conceitos relacionados às religiões afro, visando fornecer uma base de conhecimento que permita compreender essas práticas. O glossário, mais do que um simples levantamento de palavras, é um **convite à valorização da diversidade religiosa e ao respeito** pela ancestralidade que, ao longo dos séculos, resistiram e se adaptaram no Brasil.

Patrícia Gueller Vivian
Historiadora e Curadora de Arte
Passo Fundo, maio de 2025

Ao folhear estas páginas, convidamos você, caro leitor, a adentrar o universo das religiões de matriz africana com olhos atentos e mente aberta. Que este material sirva não apenas como um recurso de consulta, mas também como uma **ferramenta de reflexão e respeito às diversas formas de expressão religiosa**.

Sugerimos ao leitor, que o glossário seja utilizado tanto em momentos de estudo quanto como apoio em rodas de conversa, oficinas culturais ou mesmo em leituras individuais.

Para os educadores:

Propomos que este glossário pode ser utilizado como **uma ferramenta pedagógica** em diferentes etapas do ensino, especialmente em **aulas de História, Sociologia, Filosofia ou Ensino Religioso**. Sugerimos que os termos sejam explorados em atividades como **rodas de conversa, debates** temáticos, construção de **murais culturais**, e até como ponto de partida para **pesquisas em grupo**. Ao trazer esse conteúdo para a sala de aula, o(a) professor(a) promove um ensino mais inclusivo, que reconhece e valoriza a herança africana presente na formação da identidade brasileira.

Que este livreto **contribua para a construção de uma sociedade mais plural, mais inclusiva** com as crenças e as culturas que fazem parte da nossa história coletiva.



INTRODUÇÃO

Abner Henrique Lopes dos Santos
Marina Julia Pergher
Historiadores
Passo Fundo, maio de 2025



Censo Demográfico de **2010**, que foi o último a trazer dados

sobre religião, mostrou que existem mais de **60 mil terreiros no Rio Grande do Sul**. A maioria fica na Região Metropolitana de Porto Alegre. Também revelou que **1,47% da população do estado se declara adepta de religiões afro-brasileiras** — número que, inclusive, é maior do que em estados como o Rio de Janeiro e a Bahia.

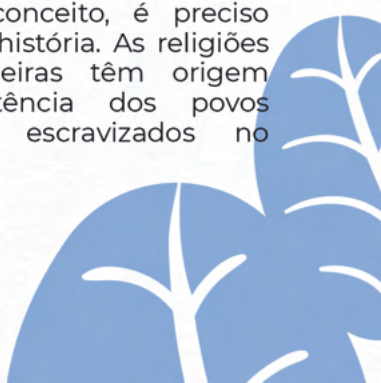
Mesmo assim, o **preconceito contra essas religiões ainda é muito forte no estado**. Esse preconceito vem, principalmente, do racismo estrutural e da falta de informação. Muitas pessoas ainda associam essas crenças de forma errada a “magia negra” ou a maus-tratos a animais.

Essas religiões, que são parte da cultura afro-brasileira, ainda são tratadas com desrespeito e são alvo de perseguições. Mesmo com alguns avanços nos últimos anos, como leis que reconhecem a importância dessas tradições e lutam contra a intolerância religiosa, a

violência continua. Em 2003, **foi criada a Lei 10.639**, que tornou **obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas**. E em 2008 foi criado o **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa**. Mas, mesmo com isso, os ataques seguem acontecendo. Em 2024, a Ouvidoria Nacional do Ministério dos Direitos Humanos registrou **3.853 casos de violência religiosa** — **um aumento de 80%** em relação ao ano anterior. E embora esses números envolvam várias crenças, a maior parte das vítimas são pessoas negras, muitas vezes atacadas até dentro das suas próprias casas.

Os terreiros também sofrem violência, como **pichações, incêndios, depredações e até ameaças** aos participantes, principalmente na entrada e na saída das celebrações.

Para entender de onde vem esse preconceito, é preciso voltar na história. As religiões afro-brasileiras têm origem na resistência dos povos africanos escravizados no Brasil.



O **Candomblé**, por exemplo, surgiu no século XIX, na Bahia, a partir da **união de várias tradições religiosas trazidas por povos como os lorubás, os Bantus e os Jejes**.

Desde o século XVI, milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil. Eles trouxeram sua cultura, seus costumes, suas línguas e suas religiões. Apesar da tentativa de proibição e da pressão para que se convertessem ao catolicismo, muitos resistiram. Uma das formas de manterem suas crenças vivas foi associar os orixás aos santos católicos — uma prática **conhecida como sincretismo religioso**.

Os terreiros surgiram como **espaços de resistência**, onde podiam cultuar seus ancestrais, praticar seus rituais e fortalecer os laços entre as comunidades.

O **Candomblé** se dividiu em várias “nações”, que representam diferentes grupos étnicos africanos. As mais conhecidas são: Ketu (ou Nagô), Jeje e Angola. Cada uma delas tem suas próprias divindades, rituais, línguas e formas de culto.

Já a **Umbanda surgiu no início do século XX, no Brasil**. Ela se formou a partir da mistura de elementos das religiões africanas com o catolicismo, o espiritismo kardecista e as tradições indígenas. Da cultura africana, a Umbanda herdou os Orixás e os guias espirituais. Do catolicismo, veio a ligação com os santos. E do espiritismo e da pajelança indígena, vieram as ideias de **reencarnação e de contato com os espíritos — como no caso dos Caboclos**.



Com influência do Candomblé, surgiu no Rio Grande do Sul, durante o século XIX, o **Batuque**. Essa tradição cultua doze Orixás e se organiza em grupos chamados de “lados” ou “nações”. Historicamente, as principais nações foram: Oyó, considerada a mais antiga no Estado; Jeje, divulgada especialmente pelo Príncipe Custódio; Ijexá, Cabinda e Nagô.

Cada nação tem suas próprias formas de fazer os rituais, com cânticos, tradições e modos de culto específicos. Algumas casas ainda mantêm práticas mistas, como Jeje-Ijexá ou Nagô-Ijexá, misturando elementos de duas tradições.



Sineta usada em rituais
Foto: Diogo Zanatta



ORIGENS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO RS

INFLUÊNCIAS
AFRICANAS

INFLUÊNCIAS
INDÍGENAS

INFLUÊNCIAS
EUROPEIAS

SÉC. XVII-XVIII: **CALUNDU** primeira religião afro-brasileira (mistura de todas)

INÍCIO SÉC. XIX: **CABULA**
Resistência negra + influência indígena

CANDOMBLÉ

BAHIA

BATUQUE

(RIO GRANDE DO SUL)

UMBANDA

1908

(Orixás + Caboclos + Espiritismo Kardecista)

QUIMBANDA

1940

(Culto a Exú e Pombagira)

LEGENDA:

Influência Africana: Orixás, tambores

Influência Indígena: Caboclos, ervas medicinais

Influência Europeia: Santos católicos, mediunidade

TRADIÇÕES PARALELAS:

Candomblé (Bahia) e Batuque (RS) desenvolveram-se separadamente mas influenciaram a Umbanda.



PALAVRAS COM AXÉ



este glossário, você vai encontrar vários conceitos ligados às

religiões de matriz afro-brasileira. Ao longo da leitura, vai perceber que alguns termos têm significados diferentes dependendo da religião, do contexto e da tradição. Em alguns casos, **os sentidos se complementam; em outros, podem até parecer opostos.** Isso acontece por vários motivos, mas principalmente porque essas religiões têm uma forte ligação com a oralidade.

Nas culturas afro-brasileiras, a oralidade **é muito mais do que falar.** Ela se manifesta em gestos, cantos, sons e movimentos do corpo. Essa forma de expressão, muito presente na dança e na música, **é uma maneira de se comunicar, ensinar e manter viva a história de um povo.** É assim que a memória ancestral é preservada e passada de geração em geração.

Essa forma de viver e transmitir conhecimento é diferente da cultura ocidental, que sempre valorizou a escrita e os livros,

especialmente por causa da influência do cristianismo. Mas é importante lembrar: essa diferença não quer dizer que uma cultura seja melhor ou mais complexa do que a outra. São apenas formas distintas de ver, sentir e se relacionar com o mundo.

Abner Henrique Lopes dos Santos
Marina Julia Pergher

Historiadores
Passo Fundo, maio de 2025



Mãe Carmen Holanda
Foto: Diogo Zanatta



AGÔ: Palavra de **origem iorubá** (àgò) que significa **“pedir licença”** ou **“pedir passagem”**. No candomblé e na umbanda são usadas como uma forma respeitosa de entrar em um ambiente ou ritual.

ANCESTRAIS/ ANCESTRALIDADE:

A ancestralidade, no contexto das religiões de matriz africana, é a **ancestralidade cultural** um conjunto de **tradições**, crenças e rituais passados de geração em geração e que são preservados por um grupo. Ancestrais são também entendidos como **seres do passado que guiam e guardam sua linhagem** no presente.

ATABAQUE: **Instrumento de percussão de origem africana**, popularmente classificado, junto com outros instrumentos de percussão como **“tambor”**. O atabaque, junto com outros instrumentos, possui uma função essencial nos rituais religiosos: são eles os responsáveis por **“chamar”** os orixás e outras entidades para os espaços sagrados.

AXÉ: É a **energia vital que vem dos orixás**. É a fonte de vida de todos os seres que existem no mundo e a força que permite a existência da vida. A palavra **axé também é usada como uma forma de saudação**. Desejar o **axé** para alguém é como desejar **“força”**.



Sessão de Pretos Velhos
Foto: Diogo Zanatta

APRONTAMENTO: É uma forma de preparação ritual.

Em alguns cultos religiosos, o aprontamento serve como uma forma de iniciação dos participantes, em outros, é uma ação que antecede ritos específicos. Variam também suas formas e os significados. Na Umbanda, por exemplo, realiza-se um banho de ervas por um determinado período de tempo, sendo que cada erva está ligada a uma entidade específica.



BABALORIXÁ:

Hierarquicamente é o membro mais alto dentro do candomblé. Muitas vezes o termo “Pai de Santo”, mais comum na umbanda, pode se referir também ao Babalorixá.

BATUQUE: Culto religioso de matriz africana próprio do Rio Grande do Sul. O Batuque, foi assim chamado pejorativamente pelo uso de instrumentos de percussão em seus rituais.

Hoje em dia, o termo “Batuque” foi reapropriado por seus praticantes, que também se referem ao seu conjunto de crenças como “Nação”, já que dentro do Batuque podemos encontrar cinco “nações” principais: Oyó, Ijexá, Jeje, Nagô e Cabinda.



CANDOMBLÉ: Religião de origem africana introduzida no Brasil a partir da diáspora africana, em meados do século XVI. Composta de diversas vertentes e profundamente alterada ao longo dos séculos pelo sincretismo religioso (este oriundo da perseguição e da violência que aflige as populações pretas) o Candomblé possui um complexo sistema de crenças e rituais com variações regionais e temporais.



CAVALO: Termo utilizado por religiões de matriz africana do mundo todo, é definido na Umbanda, por exemplo, como o “**médium**”, **aquele que estabelece a comunicação com as entidades.** Em outras práticas religiosas como o voodoo haitiano e o próprio Candomblé baiano, o cavalo é **aquele que empresta seu corpo físico para as entidades** agirem no mundo concreto.

CABOCLOS: No campo religioso, os **caboclos** são o exemplo de sincretismo entre as religiões indígenas, africanas e afro-brasileiras. O caboclo é uma **entidade ancestral indígena que se relaciona com as entidades afro-brasileiras.** Ao longo da história e de acordo com a região, o termo caboclo possui significados políticos, econômicos e culturais diferentes entre si, mas em sua maioria, sua definição converge para os processos de miscigenação entre indígenas, negros e brancos na progressão histórica brasileira.



EBÓ: Termo amplo que significa a **oferenda ou sacrifício a um Orixá, buscando o atendimento de um algum pedido específico ou o agradecimento** por algum objetivo alcançado. A palavra **também se refere a uma oferenda destinada, especificamente, a Exú.** Uma variação do termo, **ebô**, designa um alimento específico, produzido com a farinha de milho branco e também utilizada em contextos ritualísticos. **Ebó também designa uma oferenda** feita com propósito de causar malefícios, daí sua confusão com a popularmente conhecida “macumba”, termo pejorativo.



Sessão de Pretos Velhos
Pai Ramon Hendges
Foto: Diogo Zanatta

EXÚ: Entidade cuja definição varia de acordo com a linha religiosa praticada, Exu pode ser definido resumidamente e de acordo com a maioria das crenças de matriz africana **como um Orixá**. Geralmente, em uma visão maniqueísta (a consideração da existência do “bem” e do “mal” como um conjunto de valores separados e bem definidos e a interpretação do mundo a partir desta visão), própria das religiões cristãs, Exú é identificado como uma figura “má”, associado ao Diabo cristão, por exemplo. Essa visão, oriunda muitas vezes do preconceito, desconsidera a crença das religiões não-cristãs em entidades e divindades que são capazes de atos bons e ruins, assim como os seres humanos. Já **em outras interpretações, Exú, ou os Exus, podem ser entendidos como uma categoria de seres, ou entidades.**



FILHOS DE SANTO: Cargo ou posição sacerdotal existente dentro dos cultos afro-brasileiros. **Os filhos de santo podem ser entendidos como “aprendizes” de pais e mães de santo,** cabendo a eles assumir estas funções na ausência dos mesmos. São capazes também, assim como pais e mães de santo, de estabelecer uma comunicação com entidades e orixás durante os rituais religiosos.



Pai de Santo Jayme Borges Ortiz e seu Filho de Santo Alexandre Vieira
Foto: Diogo Zanatta



GUIAS: São entidades mais próximas aos seres humanos, responsáveis por guiar seus passos neste plano. Dependendo da prática religiosa, os guias são entendidos como os próprios orixás ou então como seres intermediários entre orixás e seres humanos. **Os guias podem se referir a objetos de proteção pessoal, como colares de contas, pulseiras, amuletos, etc.**



IANJÁ: Orixá feminina, esposa de Xangô na mitologia iorubá. Iansã é associada aos ventos e ao clima, de maneira geral. É a ela que os fiéis se dirigem buscando a proteção contra as tempestades, estas causadas por Xangô. Um dos alimentos mais populares da Bahia, o acarajé, é considerado a principal oferenda para Iansã.

IALORIXÁ: A forma como a "Mãe de santo" é chamada no Candomblé, especificamente, com sua função sacerdotal não sendo alterada tanto na Umbanda quanto na Quimbanda e Batuque.

IEMANJÁ: Talvez uma das entidades oriundas da religiões de matriz africana mais populares no Brasil. Iemanjá é a orixá reconhecida como a "senhora das águas". Sua popularidade é fruto do processo de sincretismo religioso do Candomblé com o Catolicismo, o que faz com que ela seja cultuada também por católicos.

ILÊ: No Candomblé, é o espaço de culto, a casa onde, tradicionalmente, se realizam os rituais religiosos. Mais comumente conhecidos como "terreiros".

IORUBÁ: Também conhecido como "nagô", designa um grupo étnico da África Ocidental, onde hoje se encontra a Nigéria, o Benin e a Serra Leoa, entre partes de outros territórios. Refere-se também a um idioma, composto por vários dialetos. No campo religioso, o Iorubá

é a base do **Candomblé brasileiro** e da Santeria do caribe, entre outras.



JOGO DE BÚZIOS: Os búzios, pequenas conchas de animais marinhos, são usadas no Candomblé, na Umbanda e no Batuque, por exemplo, como forma de comunicação com orixás e entidades superiores.

Dessa comunicação resultam respostas para solicitações, **conselhos, avisos e orientações** para os fiéis que procuram um sacerdote que detenha este tipo de conhecimento. As chamadas artes divinatórias são parte do universo religioso africano e afro-brasileiro e se referem, de maneira muito ampla, às práticas de adivinhação e oraculares.



MACUMBA: Macumba é uma palavra com vários significados e uma história muito rica em sentidos, mas apenas uma pequena parte destes significados relaciona-se com a visão baseada no senso comum e no preconceito de que macumba seria feitiçaria ou magia negra. Num sentido mais preciso histórica e etimologicamente, macumba relaciona-se especificamente com os instrumentos e cantos litúrgicos das religiões afro-brasileiras, já que macumba designava um instrumento semelhante a um reco-reco.

MÃE DE SANTO: A mãe de santo é a sacerdotisa dos cultos religiosos, a que dirige as cerimônias e o ritual litúrgico, pela sua aproximação com as entidades e orixás e tempo de prática.





NAÇÃO: Se refere às subdivisões dentro da mesma prática religiosa. As nações Jeje e Nagô, por exemplo, são nações do culto do Batuque. De maneira geral, cada nação possui sua forma de interpretar as crenças e os rituais de seus ancestrais, e seus nomes, referem-se ao lugar de agrupamento dos grupos escravizados antes de sua compra e não ao lugar de origem dos indivíduos, segundo alguns autores.

NANÃ: Orixá feminina cujos domínios são as águas profundas e os pântanos, ou a chuva e a lama, de acordo com cada religião que a ela devota sua fé. A ela também é associado o controle da entrada e saída da vida terrena, em outras palavras, **ela guarda as portas da vida e da morte.**



OBÁ: Orixá feminina que está associada à guerra e também ao amor. Apesar de serem ideias opostas (a dualidade das entidades é uma marca da cosmologia africana e afro-brasileira), é na **intensidade** destes sentimentos que Obá encontra sua simbologia central.

OBALUAÊ:

Também chamado de **Omolu**, é **filho da orixá Nanã**. A ele se atribui a cura e a doença, por isso é **conhecido como o "orixá-médico" ou "orixá das medicinas"**. Além de reger os elementos de proteção concreta dos seres humanos, suas roupas e casas, por exemplo (ou seja, aquilo que lhes garante saúde ou enfermidade, em caso de falta), Obaluaê é também o senhor das aflições, das preocupações, da ansiedade, etc. A ele associa-se a terra seca, os terrenos áridos, ao contrário de sua mãe.



OFERENDA: Vide Ebó.

OGUM: Ogum é um orixá masculino associado à criação e ao domínio dos metais. Ele é a entidade da forja e dos instrumentos metálicos, e consequentemente, é associado à força e à prática guerreira, mas também ao trabalho, de maneira geral. Ogum possui uma importância histórica não só no contexto das religiões africanas e afro-brasileiras mas do ensino de história, uma vez que são do continente africano os primeiros registros da prática da metalurgia pelos seres humanos.



Sessão de Quimbanda |
Maria Mulambo
Foto: Diogo Zanatta

OLODUMARÉ: Também chamado de *Olodumarê* ou *Olorum* (por ser o senhor do Orum, o universo inteiro), Olodumaré é o Ser Supremo na mitologia iorubá. A criação não só de todos os seres, bem como do próprio universo e de todos os Orixás é de sua responsabilidade. Confundido erroneamente com o Deus cristão por estudiosos europeus, a partir de um viés colonialista e apesar de ser cultuado como tal por religiões sincréticas no Brasil, Olorum era originalmente interpretado e reverenciado de outra forma pelas religiões africanas pré-diáspora e por seus remanescentes no Brasil Colonial do século XVI em diante.

OSSANHA: Orixá conhecedor das ervas e das plantas medicinais, das folhas sagradas e possuidor do axé deste reino do plano terreno. É também associado à esperteza e a enganação.



Guia espiritual
Foto: Diogo Zanatta

ORIXÁS: Na definição dos praticantes do Candomblé, são entidades intermediárias entre os seres humanos e **Olorum**, o criador, na cultura iorubá. O conceito de “orixá” foi sendo ressignificado ao longo das décadas e no processo de formação de diferentes cultos religiosos. Entendidos como entidades bem definidas inicialmente, passaram a abranger também ancestrais ou personalidades importantes de cada comunidade e, em seu último significado, podem ser compreendidos como “guias pessoais”, independente do agrupamento religioso ou familiar.

OXALÁ: Dentro da mitologia iorubá, Oxalá foi o primeiro orixá criado por Olodumare (ou Olorum) e a ele coube a formação da Terras, que acabaria sendo criada por seu irmão Odudua, Oxalá então ficou responsável pela criação dos seres humanos. De maneira geral, ele é um dos orixás a qual se atribui a alcunha de “criador”

OXOSSI: É o orixá da caça e da sobrevivência, o ser das matas e florestas. Por dominar a caça, é também o orixá da abundância de alimentos e da prosperidade. Nas religiões de matriz africana brasileiras, sua figura confunde-se com a do santo católico São Jorge.

OXUMARÊ: É a entidade do movimento, aquele que permite a continuidade natural de todos os ciclos que possibilitam a vida no nosso mundo. É a ele atribuída a continuidade do crescimento, do amadurecimento, e até do movimento rotativo do planeta. Oxumarê é considerado por alguns também como a ponte entre os céus e a terra, ou entre o Ser Supremo e os humanos. Oxumarê atualmente também é cultuado pela comunidade LGBTQIA+ por ser um orixá andrógino, ou seja, carregar o feminino e o masculino dentro de si.

OXUM: Orixá do amor, assim como Obá. Mas Oxum é a principal regente deste sentimento tão importante para os seres humanos. A ela também está associada a vaidade e a fertilidade feminina, por isso, assim como em muitas outras culturas pelo mundo, está ligada à colheita.



PAI DE SANTO: O pai de santo é a liderança máxima (ao lado da mãe de santo, de acordo com a corrente religiosa) dentro de um terreiro. A ele cabe a organização ritual, a condução da liturgia, a transmissão de conhecimento e a iniciação de novos membros. **Essa posição lhe é conferida pela experiência e pela confiança das entidades** em sua capacidade.

PAJELANÇA: A pajelança é o reflexo do sincretismo entre as religiões africanas e os rituais indígenas de diferentes partes do Brasil. O pajé, nas culturas era tanto um guia espiritual, como o responsável pelo bem estar físico do seu povo. No processo sincrético, especialmente na umbanda, a pajelança refere-se ao processo de cura (tanto do corpo, quanto da mente) estando inserido nos rituais religiosos, mas não sendo realizados exclusivamente com esse fim. **Em suma, a pajelança, assim como o caboclo, é parte da herança indígena** presente nas religiões afro-brasileiras.

POMBA-GIRA: Segundo algumas interpretações, a pomba-gira seria uma "versão" feminina de Exu. De acordo com outras, a pomba-gira seria uma das entidades conhecidas como exus, possuindo as mesmas atribuições e capacidades místicas. Na umbanda, e em uma de suas vertentes, a quimbanda, a pomba-gira é uma entidade ardilosa que deve ser orientada e controlada para fazer o bem. Ao longo da história, a pomba-gira esteve associada à perseguição à feminilidade e à liberdade feminina, o



Sessão de Pretos Velhos
Foto: Diogo Zanatta

que, juntamente com o preconceito religioso, contribuiu para uma mistificação negativa de seu nome.

PRETOS VELHOS: Entendido inicialmente como uma figura de liderança, o termo “preto velho” (do bom português, preto véi) é uma marca da história brasileira nas religiões de matriz africana. Costumava designar o ancião mais experiente de uma comunidade religiosa africana ou miscigenada, e era, na maioria das vezes, um ex-escravizado ou descendente direto de escravizados. Com o tempo, a figura do preto velho torna-se uma entidade ancestral, um ser extraterreno que orienta os passos de sua comunidade, sendo uma marca da presença da ancestralidade, do culto aos antepassados nos cultos afro-brasileiros.



QUIMBANDA: Transposição da palavra “kimbanda” (proveniente do idioma banto, ainda falado em regiões da Angola). A Quimbanda ou Linha Cruzada, como também é conhecida, tanto designa uma vertente dentro da Umbanda, quanto um culto próprio, oriundo de práticas do Batuque sul-riograndense e da Umbanda. Seu significado variou ao longo da história e do próprio processo de aproximação entre cultos religiosos, mas é importante ressaltar que não há uma exclusão entre correntes religiosas e sim uma aproximação constante.



Sessão de Pretos Velhos
Foto: Diogo Zanatta



Pai de Santo Valdomiro Miquelin
Foto: Diogo Zanatta



SINCRETISMO RELIGIOSO:

Ocorre quando práticas ou crenças de diferentes religiões são combinadas em um único culto religioso, ou, a partir de suas aproximações, dão origem a novas práticas. No contexto das religiões de matriz africana no Brasil, o sincretismo é sempre lembrado pela conversão de divindades e entidades africanas (banto, iorubá, entre outras) para santos católicos, por exemplo, como forma de resistência usada pelos escravizados. Contudo, outros exemplos podem ser dados, como a própria Umbanda que carrega elementos e práticas indígenas e também espíritas. O sincretismo religioso, entretanto, não pode ser confundido com a prática de substituição forçada de elementos de uma religião por outra, como foi praticado por missionários nos contextos de colonização na África, nas Américas e na Ásia.



TERREIRO: Os terreiros são os locais de culto religioso, são o templo da prática religiosa assim como as catedrais, as mesquitas e a sinagoga. O nome deriva dos espaços em que eram realizados, geralmente em espaços de terra batida, próximos às residências.



Jogo de búzios -
Pai de Santo Ramon Hendges
Foto: Diogo Zanatta



UMBANDA: Originada no país, a Umbanda nasceu no início do século XX, como uma forma sincrética entre as religiões africanas diaspóricas, o catolicismo, os ritos indígenas e o kardecismo (espiritismo de Allan Kardec), bastante difundido no Brasil. Suas origens remontam às práticas do Calundu e da Cabula, vertentes do Candomblé.



Ação de "bater cabeça" -
Pai de Santo Gabriel de Xangô
Foto: Diogo Zanatta



XANGÔ: O senhor dos trovões, Xangô é também o orixá da justiça. Conhecido por seu símbolo, um machado duplo cruzado. Xangô é orixá das causas justas, e também dos desafortunados



Sessão de Pretos Velhos
Foto: Diogo Zanatta



REFERÊNCIAS

ALVES, Angelo Vinicius da Rosa. **"Batuque" religião no Rio Grande do Sul: religiosidade no ilê ojù'ogba oba – nação ijexá-cabinda. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Ciências Humanas)** - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2023.

ANAIIS DA VIII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 8., 2021, Pato Branco. **O povo das matas na rede do terreiro: firmando o ponto para os Caboclos da umbanda e da quimbanda.** Pato Branco: React, 2021. 19 p. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3753/3624>. Acesso em: 05 mar. 2025.

Cartilha Povo de Terreiro - Mandato de Luciana Genro. Assembleia Legislativa do Estado Rio Grande do Sul. Junho de 2023. Disponível em: https://issuu.com/lucianagenro5/docs/psol_834_Ig_cartilha_povo_de_terreiro_-_2023_bx4 Acesso: 25 mar. 2025.

DIAS, João Ferreira. **"CHUTA QUE É MACUMBA": o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras.** Sankofa (São Paulo), [S.L.], v. 12, n. 22, p. 39-62, 23 maio de 2019. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2019.158257>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sankofa/article/view/158257>. Acesso em: 27 fev. 2025.

FAVARO, Jean Filipe; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; RAMOS, João Daniel Dorneles. **Povo das matas na rede do terreiro: firmando o ponto para os Caboclos da umbanda e da quimbanda.** In: **Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia.** Pato Branco, 2021. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3753/3624>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GALLICIANO, Vania. **Candomblé, Práticas Educativas E As Relações De Gênero No Espaço Social Onde Filhas E Filhos De Santo Aprendem E Ensinam Por Meio Da Oralidade.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2015. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2754/1/UNICENTRO_PPGE_M_Galliciano%2c%20Vania_2015.pdf. Acesso em: 14 mar. 2015.

GUIMARÃES, Samuel Novaes. **Obaluaê, o médico entre os orixás.** Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bach/files/2016/10/SAMUEL-GUIMAR%C3%83ES.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LOPES, Daniel Sena. **SABERES TRADICIONAIS A PARTIR DO JOGO DE BÚZIOS NO CANDOMBLÉ.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Pará Ufpa, Cametá, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/15445/1/Dissertacao_SaberesTradicionaisJogo.pdf. Acesso em: 02 mar. 2025.

OLIVEIRA, Maria Luísa Pereira. **Religiões de matriz africana: quais são e por que sofrem preconceito.** 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/religoes-de-matriz-africana/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PINGO, Lisandra Cortes. **Uma análise das múltiplas faces de Exu por meio das canções brasileiras: contribuições para reflexões sobre o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira na escola.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07112018-135629/publico/LISANDRA_CORTES_PINGO_rev.pdf. Acesso em: 05 fev. 2015.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. **Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história.** Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão, v. 08, n. 04, p. 79-92, jul. 2017. Disponível em: <file:///home/chronos/u-e508b76ddccd4f76elfb20dbfca232ecae9d5e6/MyFiles/Downloads/diltonmaynard,+9892-28103-1-CE.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

RAMOS, João Daniel Dorneles. **A religião é como uma medicina: aprontamento, cosmopolítica e cura entre umbandistas em Mostardas, Rio Grande do Sul.** 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/400681796_ARQUIVO_trabalhoJoaoRamoscomplete.pdf. Acesso em: 05 abr. 2025.

SILVA, Leandro de Santana. **Epa babal! As alegorias e o orixá: representações de oxalá nos desfiles das escolas de samba de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

VASCONCELOS, Sérgio Sezino Douets. **A união mística com o Orixá através da participação no Axé. Horizonte: Revista de estudos de teologia e ciências da religião, Belo Horizonte, v. 30, n. 11, p. 737-756, abril/ junho de 2013.** Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n30p737>. Acesso em: 10 mar. 2025.



MEMÓRIA ORGULHO E IDENTIDADE

POLÍTICA NACIONAL

PNAB

ALDIR BLANC

Apoio:

**skopo.
media**

Financiamento:



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA CULTURA

Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

